

## A Queda do Céu, O Fogo na Terra: breve estudo da perspectiva espiritual, ambiental e política da comunidade Yanomami entre os anos de 1970 e 1988

Dominique Portella<sup>1</sup>  
(Orientador: Vitor Ikeda<sup>2</sup>)

**Resumo:** Este artigo de pesquisa aborda a perspectiva ambiental, espiritual e política da comunidade indígena Yanomami com base no estudo da obra “A Queda do Céu”, do xamã Davi Kopenawa. Analisa ainda como tais perspectivas foram constrangidas em crescentes sistêmicas de opressão e exploração, reproduzindo colonialismos, entre os anos de 1970 e 1988. No contexto de Antropoceno, explora a importância das visões de mundo que permitem estabelecer uma conexão entre ser humano e natureza, e as graduais conquistas de direitos por povos historicamente excluídos que promovem tais visões.

**Palavras Chave:** Yanomami, Antropoceno, direitos indígenas, meio ambiente.

**Abstract:** This research article approaches the environmental, spiritual and political perspective of the indigenous community Yanomami with the basis of the book “A Queda do Céu”, from the shaman Davi Kopenawa. It analyzes how such perspectives were constrained in growing systems of oppression and exploration, reproducing colonialisms, between the years of 1970 and 1988. In the context of the Anthropocene, the importance of world views that allow the establishment of connections between humans and nature is explored, as the gradual conquers of rights by historically excluded groups that promote such world views.

**Keywords:** Yanomami, Anthropocene, indigenous rights, environment.

### 1. Introdução

O presente artigo aborda a visão da cultura indígena no Brasil, com base na comunidade amazônica Yanomami, em relação a sua agência histórica, estudando ainda a questão de demarcação de terras em contraste com o desmatamento. Explora soluções para a desigualdade e “banalização do mal”<sup>3</sup> provocadas por ferramentas de marginalização. A questão de pesquisa formulada é: Como se dá a perspectiva espiritual, ambiental e política da comunidade Yanomami e em que medida estas foram constrangidas entre os anos de 1970 e 1988?

O embasamento histórico que articula o texto está em “História do Brasil”, de Boris Fausto (2006), considerando a disposição completa e objetiva das ocorrências de maior destaque no período de análise: a ditadura militar e a posterior construção democrática no Brasil. No entanto, a obra central que subsidia a investigação é “A Queda do Céu”, do xamã Yanomami Davi Kopenawa (2016), através da qual será traçada essa análise da noção histórica de distintos segmentos relacionados à vida social, estabelecendo uma conexão com o momento de promulgação da Constituição de 1988, além da questão de demarcação de terras e degradação florestal através da obra “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak (2019). Em adição, o conceito de “História Única”, apresentado pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009), constitui elemento tangente de toda a análise. Coloca-se ainda breve respaldo estatístico acerca do “fogo na terra” para solidificar o contraste de desmatamento com o período histórico de análise.

---

<sup>1</sup> Aluna da Escola Bilíngue Pueri Domus, 17 anos, cursa o 3º ano do Ensino Médio em 2021.

<sup>2</sup> Professor de História e de Sociologia da Escola Bilíngue Pueri Domus.

<sup>3</sup> Conceito de Hannah Arendt.

## 2. Contexto Histórico

No período de 1970 a 1990, aproximadamente, o cenário brasileiro para comunidades indígenas constituiu uma realidade violenta, que abarca tanto aspectos político-culturais quanto ambientais. Apesar da criação da FUNAI - Fundação Nacional do Índio -, em 1967, como principal instituição defensora da implementação e exercício dos direitos indígenas no país (FUNAI, 2020), a gestão pública e a mentalidade pouco inclusiva a estes povos propiciaram um momento de perseguição e opressão sistemáticas.

Nesse âmbito, o regime da ditadura militar foi responsável pelo assassinato de aproximadamente 8.350 indígenas (Comissão Nacional da Verdade, 2014). Da perspectiva ambiental, comportamentos invasivos direcionados às terras indígenas foram impulsionados pelo investimento nas atividades produtivas, como a implementação do segundo Plano Nacional de Desenvolvimento no governo Geisel (1974-9). Este, cujo enfoque era dar continuidade ao processo de substituição de importações, construía o imperativo do lucro acima dos recursos naturais brasileiros e consolidava práticas até mesmo colonialistas de exploração, fundamentadas no subjugamento violento da terra e na extração desenfreada. (Fausto, 2009)

Outrossim, para a comunidade Yanomami o resultado de tais violências foi direto: com o “Projeto Polamazônia”, por exemplo, a interação com garimpeiros durante a corrida do ouro de Roraima provocou um choque epidemiológico que deteriorou a saúde da população indígena. O crescimento significativo dos casos de malária e de pneumonia, além de conflitos diretos, contribuíram para uma perda demográfica e uma intervenção na estrutura cultural das aldeias, enfraquecidas pela exploração e desrespeito às suas espiritualidades. (Kopenawa, 2016)

Logo, a guerra por sobrevivência intensificada no cenário das décadas de 1970 e 1980 culminou na mobilização, por parte de lideranças indígenas, para a defesa de seus direitos e dos direitos da terra. No cenário nacional e internacional porta-vozes como Davi Kopenawa e Ailton Krenak passaram a ganhar visibilidade, e no ano de 1988 a soma da luta plural e diversa de tantas comunidades levou ao estabelecimento do Artigo 231 da Constituição, segundo o qual: "São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens." (Constituição Federal, 1988). Todavia, esta conquista não corresponde ao fim da luta pela efetivação real deste reconhecimento.

### *Comunidade Amazônica Yanomami*

A partir do enfoque de pesquisa no núcleo amazônico Yanomami, estudado sobretudo através da obra “A Queda do Céu”, faz-se necessário destacar alguns pontos da perspectiva xamânica colocada pelo autor Davi Kopenawa acerca dos conflitos retratados. Primeiramente, entende-se o papel dos xamãs, e de Kopenawa enquanto comunicador, como protetores e referências para suas comunidades. Em suas crenças, o alcance político, social e natural desta função se deve à sua conexão com os espíritos xapiri, que consistem na imagem espiritual de todas as coisas: os animais, os elementos da natureza, os seres maléficis, as doenças, os alimentos de cultivo e muito mais. (Kopenawa, 2016)

Dessa forma, a base estrutural Yanomami, cujo cerne é sua percepção e relação com a natureza, está no plano espiritual e na valorização das experiências oníricas - momentos de conexão com os xapiri. Assim como os outros segmentos da vida em sociedade deste ramo, a “política”, cujo termo se torna meramente ilustrativo diante de uma prática outra, é igualmente cultivada em torno da conexão espiritual e

reflete a prática primordial do discurso pacífico acima da ação ou reação violenta. Por conseguinte, a defesa da terra em sua luta por direitos é sustentada como imprescindível à manutenção do espiritualismo enquanto forma de sustentar o céu, através da preservação dos recursos naturais. (Kopenawa, 2016)

#### *Relação cultural: meio ambiente e desmatamento*

Na cultura Yanomami, a intersecção entre o plano espiritual e a relação de respeito com o meio ambiente, e a perspectiva que integra nele a existência humana constituindo um grande organismo vivo contrasta com os paradigmas da era do “Antropoceno”. Conceito introduzido por Ailton Krenak (2019) no segundo capítulo de sua obra, “Antropoceno” corresponde à era em que os humanos tomam controle do planeta e exploram desenfreadamente seus recursos, uma ótica consumista que se opõe drasticamente à conexão humana com a natureza. Esse contraste fica evidente no período de estudo: entre 1970 e 2000 estima-se que 9,7% da cobertura original da floresta Amazônica foi desmatada. O maior contingente de devastação ocorreu na década de 1970, e foi impulsionado por investimentos governamentais crescentes em modernização, expansão agrícola e exploração mineradora (RAISG, 2015). Em suma, a capitalização da natureza, impulsionada nos anos 1970, cresce enquanto as espiritualidades que sustentam uma visão de preservação ambiental correm perigo.

### **3. Valoração de Recursos**

#### *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa.*

A obra foi publicada em 2016 proveniente da intersecção cultural estabelecida entre Davi Kopenawa, líder indígena, e Bruce Albert, redator e seu grande amigo. Ao escreverem “A Queda do Céu”, criam um contexto de troca sociocultural, e a conseqüente possibilidade de reinterpretar a história, tornando o livro objeto central de estudo. Logo no início Kopenawa esclarece que este entendimento faz parte do seu motivo para compartilhar, na língua e veículo cultural dos brancos, sua visão de mundo e os costumes de seu povo, os Yanomami. Ainda que diante de uma história de opressão, desvalorização das diferenças e descaso para entendê-lo e conseqüentemente respeitá-lo, o xamã decide fazer esta tentativa incerta de estabelecer uma base para o diálogo entre os povos, atribuindo ainda mais valor ao seu relato. No entanto, faz-se necessário ressaltar a principal limitação desta fonte e a sua ambigüidade. A narrativa tecida por Kopenawa implica no estudo de apenas um foco da cultura indígena brasileira, e até mesmo um recorte dentro do grupo Yanomami. Considerando o embasamento da pesquisa neste enfoque, encontra-se o risco de um dos elementos colocados como ponto crítico: a estereotipização. Por outro lado, a obra também permite a especificação da pergunta de pesquisa e a veracidade comprobatória do argumento desenvolvido; além de que o narrador esteve presente em eventos importantes de análise e acompanhou em sua vivência as interações com o exterior, majoritariamente violentas. Tendo construído uma relação com a FUNAI e mais tarde como porta-voz de sua comunidade, Kopenawa constitui-se como figura fundamental nas décadas conturbadas de 1970 e 1980, além de seu papel em direção às reivindicações da Constituição de 1988.

#### *Ideias para adiar o fim do mundo, de Ailton Krenak.*

A obra foi publicada em 2019 e traz a fala de um representante da comunidade indígena no Brasil, conhecido internacionalmente desde seu discurso marcante na Assembleia Constituinte de 1987, que foi inclusive de valor essencial para a luta indígena diante da formulação da Constituição de 1988. O livro retrata o curso de palestras dadas por Ailton Krenak em Lisboa entre 2017 e 2019, nas quais os

conceitos de “sub-humanidade”, “antropoceno” e “história única” foram abordados, construindo-se argumentos em prol da urgência de se exercitar a compreensão das diferentes culturas identitárias como maneira de lidar com as crises existentes, em especial a ambiental. Dessa forma, Krenak fundamenta a conexão entre o estudo antropológico de uma comunidade e as relações ambientais, consequência necessária do desenrolar dessa pesquisa. Sua principal limitação se encontra na brevidade do discurso, que não tangencia muitos detalhes por trás da fala. Por outro lado, mesmo sendo concisa, é precisa e, ao se mesclar com o estudo dos Yanomami e por meio do contraste com a outra obra avaliada e de referências como Chimamanda Adichie em seu discurso, faz-se suficiente, marcando clara posição.

#### 4. Análise

Analisando o relato de Davi Kopenawa (2016), observa-se que este ressalta um traço das formas de exercício cultural Yanomami e permite a concepção crítica da interação entre povos, desenvolvida do momento de colonização até as problemáticas que acometeram as comunidades amazônicas com os ciclos de garimpo e projetos consolidados em 1970. Através da prática de preservação e transmissão oral (a combinação de espiritualidade e tradição), o foco Yanomami descrito constrói sua sociedade, costumes e relação com o meio ambiente. Ainda neste viés, prioriza-se o diálogo e apresenta-se, em sua conexão com o ecossistema, uma profundidade diferenciada que valoriza a terra, pois é dela que derivam todos os elementos e seres, justificando seu equilíbrio fundamental para a sustentação do próprio céu.

Em adição, fica evidente a flexibilidade que o xamã adotou se submetendo ao veículo comunicativo da escrita, a fim de criar um “ambiente” mais confortável para os brancos entenderem suas tradições. Dessa forma, busca preservar seu patrimônio espacial e cultural em um discurso que mescla ensinamento, grito por compreensão e, ao mesmo tempo, um alerta. É justamente nesse movimento em direção à troca, à intersecção aberta, que Chimamanda Adichie (2009) coloca: “Histórias têm sido usadas para desatribuir posse, marginalizar [...] mas também podem ser utilizadas para empoderar. Histórias podem quebrar a dignidade de um povo, mas também podem repará-la”.

A construção histórica da colonização e de posicionamento do índio como figura coadjuvante, de pouco valor social, deu margem à banalização de milhares de mortes durante o regime militar e à contínua guerra ambiental e territorial. Em contrapartida, quando assume papel de líder e comunicador, Davi Kopenawa transmite as raízes de sua cultura, em discurso pacífico de defesa e busca pelo fator de empoderamento presente em uma história.

Durante o período de análise em questão, o empreendimento econômico que devastou um grande contingente da população, incluindo seus familiares próximos, superou os Yanomami em quantidade e força de pronunciamento. Os garimpeiros, a princípio, continham itens que interessavam os indígenas e aceitavam a hospitalidade das aldeias. Em seguida, no entanto, passavam a violar o sistema sociocultural Yanomami e até mesmo tentavam doutriná-los em um cenário que ironicamente alude aos primeiros momentos de colonização, situação que se estendeu durante a década de 1970 e que, nos anos 1980, passou a despertar conflitos com esta comunidade (Kopenawa, 2016).

Os projetos de modernização em voga na época mesclaram-se às ferramentas de opressão ditatorial ao empreenderem uma exploração que assaltava a terra e a vida de sujeitos marginalizados (Fausto, 2009), esgotados pelo “povo da mercadoria”, como coloca o xamã. Tendo em vista práticas governamentais como o PND II e as

seguintes crises como a Recessão (1981-1984), fica evidente o conjunto de causas que atribuíram ao período de 1970-2000 tamanho contingente de desmatamento.

A culminação de tal exploração se constrói durante os governos Médici (com a implementação do PND I), Geisel e Figueiredo para estourar nas reivindicações constituintes do governo Sarney, durante o qual novas leis fundamentais foram aprovadas. Ao falar na Assembleia Geral Constituinte de 1987, Ailton Krenak ficou sob o holofote político da nação; exaltando a tradição e histórico de pacificidade de seu povo, clamou pelo mínimo: “E hoje nós somos alvo de uma agressão que pretende atingir na essência a nossa fé, a nossa confiança de que ainda existe dignidade....[o povo indígena] não deve ser identificado de jeito nenhum como o povo que é inimigo do Brasil, inimigo dos interesses da nação e que coloca em risco qualquer desenvolvimento” (Krenak, 2014).

A Constituição de 1988, apesar de representar um avanço formal nos direitos sociais e luta de minorias representativas, tais como os indígenas, não refletiu ganhos significativos na prática legal e real de suas determinações, como ressalta Boris Fausto (2009). A presença Yanomami marcadamente na região Norte e as perdas do ecossistema amazônico demonstram uma interiorização da habitação, em grande parte devido ao momento inicial de extermínio dos povos mais litorâneos. A contínua necessidade de luta por tais direitos e por espaço expõe a falta de conexão e a segregação herdada em lugar do que se fala sobre a compreensão das diferentes formas nas quais uma sociedade pode se organizar e se relacionar com o meio no qual está inserida.

Nesse âmbito se encontram modos de vida que comportam uma diversidade reprimida pela noção de superioridade normativa do homem branco sobre o indígena. A reflexão analítica está centralizada no entendimento da concepção de humanidade, de normal, de certo e de inclusivo. Apesar do poder das massas ser o ponto principal para mobilização, os atos de se articular e de promover a conscientização vem do indivíduo, assim como demonstrado pelo xamã.

No cenário de abismo cultural que inferioriza a relação ambiental dos Yanomami com a espiritualidade profundamente ligada à terra, o problema se encontra justamente na dificuldade desse povo de sobreviver diante de sua opressão e desvalorização. E, de forma mais específica, na dificuldade de manter vivas suas subjetividades, fica um desafio para a humanidade, tanto como um conjunto quanto para cada um de nós individualmente: uma ideia de desmantelamento do “Antropoceno” e conseqüentemente um adiamento para o fim do mundo (Krenak, 2019).

## 5. Conclusão

Respondendo a pergunta de pesquisa, entre os anos de 1970 e 1988, o início da *queda do céu* tornou-se uma preocupação iminente para os Yanomami à medida em que suas perspectivas e modo de vida foram constrangidos por um governo ditatorial e excludente. Dessa forma exerceram sua mobilização para combater, com seus espíritos e palavras de paz, todo empreendimento negativo sobre suas terras e seu povo. O movimento gerado contribuiu para que ganhassem visibilidade e direitos correspondentes às suas reivindicações na Constituição de 1988, mas não para que a prática ilegal de violência e extração de recursos deixasse de os acometer.

Na última parte de seu livro, “A humanidade que pensamos ser”, Krenak transmite a mensagem de que deve haver uma ruptura no padrão da ideia de ser humano. Dessa forma, aquele que é excluído devido a diferenças étnicas e culturais, sofrendo com diversos ciclos de violência e apagamento, ganha a oportunidade de

atuar e de ser valorizado da mesma forma que os grupos dominantes. Neste âmbito de valorização apresento as limitações da pesquisa, diretamente relacionadas aos desafios diante do papel de historiador: o retrato de um enfoque Yanomami traz a história de apenas um povo, já que não é possível redigir profunda e detalhadamente sobre a pluralidade de comunidades indígenas durante o período escolhido e suas perspectivas.

Por outro lado, observa-se que, ao publicar “A Queda do Céu”, Kopenawa expande sua luta contra as ferramentas de marginalização e inferiorização, alinhando-se àquilo que provém de um pensamento apresentado por Adichie já solidificado em uma fala de Krenak: “...a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (2019, p. 13).

### Referências Bibliográficas

ADICHIE, CHIMAMANDA. Transcript of "O perigo da história única". Ted.com., 2009. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt)>. Acesso em: 12 jul. 2020.

Comissão nacional da Verdade. Brasil, 2014. Disponível em: [http://estaticog1.globo.com/2014/12/10/Relatorio\\_Final\\_CNV\\_Volume\\_II.pdf](http://estaticog1.globo.com/2014/12/10/Relatorio_Final_CNV_Volume_II.pdf) Acesso em: 12 jul. 2020

Constituição-Compilado. Planalto.gov.br, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 5 set. 2020.

Demarcação de Terras Indígenas. Funai.gov.br. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoes/demarcacao-de-terras-indigenas>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Ipam.org.br. Disponível em: <[https://ipam.org.br/wp-content/uploads/2015/12/terras\\_ind%C3%ADgenas\\_na\\_amaz%C3%B4nia\\_brasileira\\_.pdf](https://ipam.org.br/wp-content/uploads/2015/12/terras_ind%C3%ADgenas_na_amaz%C3%B4nia_brasileira_.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2020.

FUNAI - Fundação Nacional do Índio. Boletim de Serviço da FUNAI. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletim-de-servico/boletim-de-servico-da-funai-2020>. Acesso em: 12 jul. 2020

KOPENAWA D.; ALBERT, Bruce; PERRONE-MOISÉS, Beatriz; et al. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo, Sp: Companhia das Letras, 2016.

KRENAK, AILTON. Índio Cidadão? - Grito 3 Ailton Krenak, 2014. Disponível em: <[https://youtu.be/kWMHiwdbM\\_Q](https://youtu.be/kWMHiwdbM_Q)>. Acesso em: 12 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo, Sp: Companhia Das Letras, 2019.

**A Política de Genocídio contra os Índios**. Comissaodaverdade.al.sp.gov.br. Disponível em: <<http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/downloads/A-politica-de-genocidio-contra-os-indios-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2020.

RAISG – Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada: O Desmatamento na Amazônia desde 1970 até 2013 - InfoAmazonia. InfoAmazonia. Disponível em: <<https://infoamazonia.org/pt/2015/10/raisg-deforestation-in-the-amazon-from-1970-to-2013/#!/story=post-13786>>. Acesso em: 5 set. 2020.

Recebido para publicação em 30-09-21; aceito em 15-10-21